



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARISE DA SILVA LISBOA PALMA

O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA CRECHE

Salvador

2016

MARISE DA SILVA LISBOA PALMA

O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA CRECHE

Monografia apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Docência em Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Esp. Jucineide Santana Melo

Salvador
2016

MARISE DA SILVA LISBOA PALMA

O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA CRECHE

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil – Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de especialista em Docência na Educação Infantil.

Aprovada em 18 de junho de 2016

BANCA EXAMINADORA

Jucineide Santana Melo – Orientadora
Especialista em Educação Transdisciplinar e Desenvolvimento Humano – UFBA
Psicopedagoga Clínica, Institucional e Hospitalar - FACCEBA
Especialista em Metodologia do Ensino Superior - FAMEC

Claudia Baião Opa
Mestrado em Educação, Formação e Intervenção Social pela Université Paris 13 (2013).
Atualmente coordena o CEPEC - Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais do Município de Camaçari/BA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o maior mestre que alguém pode conhecer Aquele que me deu o dom da vida e que me fez ser o que sou.

Aos meus pais Manoel e Joselita (in memória), pelo amor, por minha existência, caráter, incentivo aos estudos e por tudo que fizeram por mim.

Aos meus irmãos, esposo, sobrinhos, cunhados, família, pela paciência e amor sempre presentes por gestos, palavras, ações...

Aos meus amigos e colegas de curso e de trabalho por todo apoio e carinho dados nas horas em que precisei.

À minha estimada orientadora por todo apoio, carinho e confiança.

A UFBA, instituição renomada e de grande significância para minha formação pessoal e profissional. Ao corpo docente, direção e administração pela oportunidade e apoio.

“As crianças não brincam de brincar. Brincam de verdade”.

Mario Quintana

PALMA, Marise da Silva Lisboa. **O Brincar no Desenvolvimento da criança na creche**. 49f. 2016. Monografia (especialização) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

O presente estudo tem como tema “O brincar no desenvolvimento da criança na creche”, o qual surgiu de uma inquietação em perceber como o professor vê o brincar de forma casual, sem nenhuma fazer relação com a aprendizagem, logo questiona-se: Como o brincar pode favorecer a aprendizagem no grupo de crianças com 3 anos de idade? O objetivo deste é investigar nas brincadeiras possibilidades de aprendizagens, pois, é uma das necessidades básicas da criança e é essencial para um bom desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo. O estudo teve como linha de pesquisa, os teóricos Piaget e Vigotsky, dentre outros, tendo como métodos a observação e a pesquisa bibliográfica para discutir acerca do tema em questão. Foi realizada em uma escola da rede pública, com o professor e alunos. Os instrumentos utilizados foram livros, artigos e materiais acadêmicos.

Palavras-chave: Brincar – desenvolvimento – criança – infância.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	17
2.1	HISTÓRICO DA CRIANÇA	25
3	O BRINCAR E A CRIANÇA.....	27
3.1	A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR.....	33
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Relembrar a minha história é trazer fatos do meu passado para o presente reavivando a minha memória. Nasci, cresci e sempre morei em Candeias-Ba. Sou a terceira dos cinco filhos que meus pais tiveram.

Se bem me lembro, iniciei minha vida estudantil em escolinha particular, acredito que, com cinco ou seis anos de idade. No entanto, não me lembro de passagens positivas no ambiente escolar nesse período. Recordo do modo como a professora tratava os alunos, colocando apelidos, esticando as orelhas, batendo com palmatória, quando não sabiam a lição. Diante disso, sempre trazia a lição pronta e decorada, pois, não queria passar por tais situações. Ao final da aula, os alunos limpavam a sala onde estudávamos. Apesar dessa situação, amava ler, sempre lia todos os livros didáticos que, na época, eram comprados. Ficávamos eu e meu irmão altas madrugadas competindo para ver quem lia mais rápido.

Depois mudei para escola pública, como já sabia ler, fui matriculada na antiga 2ª série. Concluí o ensino fundamental e o médio (Magistério) na mesma escola, exceto o 1º ano, pois, não havia naquela instituição. Depois de formada, fiquei dois anos sem trabalhar. Aos vinte e dois anos casei e iniciei, também, minha carreira profissional. Comecei o meu trabalho com crianças do Fundamental I, em 1993. Passei um bom tempo neste segmento, trabalhando com a faixa etária de 7 a 14 anos.

Em 1999, fiz inscrição para o vestibular de Pedagogia da Rede UNEB, ocorrido aqui na cidade onde moro. Fiz a prova e fui uma das cem pessoas selecionadas. Comecei a estudar, com dificuldades, pois, já tinha um tempo que havia concluído os estudos. Com um mês de aulas desisti do curso por não conseguir conciliar estudos, trabalho e casa para cuidar. No entanto, a vontade de ter um curso superior não estava descartada.

Houve inscrição para a segunda turma do vestibular da Rede UNEB 2000, no qual fui selecionada novamente e, desta vez, consegui realizar o sonho de ter uma graduação. Nesse período trabalhava um turno em sala de aula, na rede pública e no outro, na rede particular, na secretaria da escola.

Depois de seis meses de licença prêmio (2010), voltei a trabalhar e pedi para descansar um pouco de sala de aula. Fui trabalhar na Secretaria de Educação,

como professora orientadora do segmento do Fundamental I, posteriormente, para a Educação Infantil, no qual me encantei com o trabalho realizado.

Em 2013, permaneci um turno na Secretaria de Educação (SEDUC), e no outro, precisei retornar para a sala de aula, onde tive a experiência de trabalhar com crianças da creche, de 03 anos. Sinalizo que foi algo encantador e aprendi muito com eles, pois, cada um traz uma história de vida que nos envolve, fascina e apaixona. Cada dia me surpreendia com os gostos, gestos, manias e aventuras dos pequenos. Até me divertia com as peripécias deles. Não tem como não se envolver com essa turminha que tanto nos encanta e nos ensina ao mesmo tempo.

Atualmente estou na Secretaria de Educação, trabalhando quarenta horas, como professora orientadora, acompanhando as unidades escolares do segmento da Educação Infantil, no intuito de direcionar o fazer pedagógico, através de oficinas, formações, palestras, visitas técnicas e outros.

Apesar de já ser pós-graduada em Psicopedagogia, pela FACCEBA, fiquei bastante entusiasmada em saber que faria parte do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI). Sinalizo que iniciar um curso desse nível é algo muito gratificante não só para o currículo, como também, para elevar a autoestima. Quando me inscrevi para seleção, confesso que, por motivos de força maior, não estava animada e nem acreditava que fosse uma das selecionadas.

Vale salientar que este curso de Especialização em Docência na Educação Infantil só veio a acrescentar na minha vida profissional e pessoal, enriqueceu os meus conhecimentos e ampliou a minha prática pedagógica. Diante disso, a experiência que tive com os pequenos trouxe mais curiosidades para saber como trabalhar com eles.

Diante do resultado, combinei com um grupo da cidade onde moro, organizei os documentos necessários para a efetivação da matrícula, ficando bastante satisfeita em fazer parte desta renomada instituição (UFBA). Em seguida, soube que haveria aula inaugural na semana seguinte, numa sexta-feira, às 18h e que também haveria aula no sábado, o dia todo e no domingo pela manhã. Não esperava que fosse iniciar tão rápido e com tantas novidades.

Na aula inaugural, que seria à noite, locamos um carro e fomos cheias de expectativas para essa nova etapa de nossas vidas. Ao chegar ao auditório I, estava acontecendo o IV Seminário de Pesquisa em Educação Infantil com o tema “Como se fosse uma brincadeira de roda”, tendo como palestrante, o professor Dr.

Claudemir Belintane, no qual trouxe bastante informação, nos chamando atenção também para a escuta da criança desde o berço. Fiquei encantada com tanta criatividade do professor em transmitir de maneira tão especial formas de lidar com os pequenos.

No sábado, fomos agraciadas com o grupo Trup Errante, que deu um show de beleza e encantamento, com o espetáculo “Teto cheio de furos e dois poemas”. Em seguida, a educadora terapeuta Josiêda Amorim, com o tema “As mãos que tecem a Educação Infantil”, trouxe poema musicado e alguns questionamentos relacionados à sala de aula, proporcionando uma reflexão acerca da nossa prática pedagógica.

À tarde tivemos orientações com as professoras de (ACPP) Análise Crítica da Prática Pedagógica, oficina de Artes Visuais, vídeo Laluna e Leitura de uma obra artística. Fiquei deslumbrada com o trabalho de arte, pois, a mesma traz uma paz interior que me deixou em pleno estado de tranquilidade.

No dia seguinte, outra apresentação do grupo Trup Errante com um sarau literário. Houve leitura de imagens-história, o show da virada e algumas indicações de livros. Emocionei-me com tantas riquezas de detalhes, poesias, contos, músicas, dentre outros.

A atividade “A festa da palavra dita e escrita”, proposta pelas orientadoras de ACPP, Riso e Rose movimentou todo o grupo, que foi dividido em subgrupos. Foi um espetáculo à parte cada apresentação feita para homenagear a Dona Palavra, onde o grupo ficou livre para criar de acordo com o que foi proposto a cada um. Houve de tudo um pouco: músicas, poesias, dramatizações, convites e até uma festa propriamente dita. Não imaginava que surgiria tanta beleza e criatividade.

Com a aula palestra, as orientadoras Rose e Riso sugeriram a construção do campo semântico com associação de palavras referentes ao processo da seleção, matrícula, seminário, festa da palavra e aula palestra. Foram ditas palavras pertinentes a cada uma das ações feitas, realizando assim, o que fora proposto pelas orientadoras de maneira criativa e esclarecedora. Achei muito importante essa atividade por trazer uma reflexão acerca das significações das palavras e seus usos. Em seguida, foi pedido que falássemos palavras que remetem ao outro com cada uma das ações supracitadas.

Num outro momento, ao chegar à sala, que estava bem organizada, com diversos dispositivos de leitura, iniciou-se a oficina: Linguagem, Oralidade e Cultura Escrita, com a professora Jucineide Santana, que abordou o tema “O bebê também

fala”, com tópicos bastante significantes acerca da linguagem dos pequenos, relatando que desde o útero os bebês já se comunicam através dos movimentos que fazem. A mesma ressaltou que quando a linguagem é estimulada, a criança tem mais facilidade para a escrita. Fiquei maravilhada com tantas informações pertinentes e compreendi que os gestos dos pequenos, na verdade são formas de se expressar.

Diante disso, fomos solicitadas a produzir um vídeo com a linguagem dos bebês, achei muito interessante a comunicação deles entre si. O vídeo foi feito com crianças de 03 anos, tendo como objetivo ouvir mais a criança, que tem muito a nos dizer através dos seus gestos. Em seguida foi feita a socialização e o resultado foi maravilhoso, pois, percebi que os bebês têm uma linguagem própria e que precisamos dar vez e voz aos pequenos para entendermos as suas necessidades.

Em outro momento, a professora Jucineide propôs que apresentássemos uma peça teatral, com a finalidade de envolver todas do grupo com variadas histórias. Foi muito enriquecedor e proveitoso para nossa prática, até então, não havia experimentado esta técnica e o resultado foi surpreendente e inovador servindo de incentivo para levarmos para sala de aula.

Elaboramos uma gravação de áudio com relatos de crianças com a chamada “As crianças fizeram e eu conto...”, com o objetivo de observar a dinâmica da turma e como a mesma se expressa, ressaltando que é através da linguagem que a criança interage com o outro. Também foi socializada e o resultado foi muito gratificante e enriquecedor.

Em relação à disciplina Infâncias e Crianças na Cultura Contemporânea e nas Políticas de Educação Infantil, com a professora Ms. Marlene Oliveira, construímos o conceito da concepção de criança e infância. Em seguida foram mostrados vídeos de crianças com situações econômicas distintas, algumas com muitas atividades diárias sem ter direito a brincadeiras e com responsabilidades sem ter o tempo necessário para viver a infância, que é uma fase muito importante para o desenvolvimento social e cognitivo.

Nesse contexto, foi muito importante esta explanação, pois agora já compreendo que existe a diferença entre criança e infância, pois, antes não tinha esse olhar de que a criança que não brinca, só trabalha ou só estuda, não vive a infância devido a sua longa jornada diária, mesmo algumas tendo uma boa condição financeira. Considera-se que, toda criança necessita de um tempo para brincar, pois,

é na brincadeira que ela se realiza, se autoafirma como coautora da sua própria história.

Em outro momento, a orientadora Riso iniciou sua aula com a leitura de poesias. Em seguida deu instruções de como fazer a facção do texto, que é a reescrita do memorial. Entregou o material dando a missão de acionarmos marcadores para a produção textual, onde deveríamos retirar ou acrescentar os pontos relevantes para o enriquecimento do texto. Pediu que formássemos duplas para discutirmos os materiais enviados por e-mail e construíssemos um texto dissertativo argumentativo sobre a concepção de criança e infância.

Sendo assim, ficou evidente que há uma ligação entre ser criança e ter infância, sabe-se que todas são crianças, porém nem todas vivem a infância. As crianças devem ser consideradas como atores em sentido pleno e não simplesmente como seres em construção. São ao mesmo tempo produtos e atores dos processos sociais.

Logo após essa interação, foi iniciada a aula com ACPP, recitando poesias, onde nos deleitamos não só com a beleza de textos poéticos, como também a maneira de explorá-los. Em seguida, deu-se retomada na reescrita do memorial nos orientando como melhorarmos a escrita, sinalizando o que seria necessário modificar para dar um novo aspecto ao texto.

Em outro momento, o componente curricular ministrado pela professora Marlene Oliveira, aborda questões relacionadas às leis de Diretrizes e Bases da Educação Infantil. Dentre as concepções, vimos que criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade produzindo cultura. Ficou claro que as Propostas da Educação Infantil devem respeitar alguns princípios importantes.

Em outra ocasião, com Riso e Rose, viajamos na história da cidade de Salvador, com vários slides mostrando toda a beleza e graça da cidade, fazendo uma prévia para a aula passeio que aconteceu no Museu de Arte Moderna. Toda Arte exposta naquele espaço mostra partes da cidade e suas transformações ao longo do tempo. Foi uma experiência ímpar, na qual, ficamos deslumbradas com tantas informações.

Retomando aos Estudos de Aprofundamento das Práticas Referendadas, fomos recepcionadas com poesias sussurradas, visita à exposição de imagens e textos, assim como leituras de versos e/ou pensamentos de diversos autores. Logo

após apreciarmos o vídeo de um conto africano o qual retrata que quando uma pessoa comete algo errado, ela não é punida e sim exaltada, pois se acredita que ninguém nasce ruim, ou seja, o meio pode transformar o homem tanto para o bem como para o mal.

Em relação aos estudos interativos do componente Metodologia de Pesquisa e Educação Infantil, ministrada pela professora Maria Elisa Pacheco, tivemos orientações pertinentes para construção do projeto de pesquisa. As aulas foram bastante significativas e a troca de conhecimentos muito importantes para construção do material proposto, lembrando que foram várias idas e vindas de material para análise a partir de levantamento/varredura de artigos, monografias, livros, dentre outros.

De início, a professora Maria Elisa havia pedido um inventário no qual teríamos que interpretar o que estávamos fazendo e produzindo ou não na área da educação e o que precisávamos melhorar na prática. Além disso, foi pedido que construíssemos um quadro teórico onde expusemos autores relacionados ao tema da nossa pesquisa. Elaboramos também a problemática, texto que abordava sobre o problema que nos inquietava no espaço escolar.

No retorno do recesso tivemos aula com ACPD para orientações do seminário que iríamos apresentar. Num outro momento ocorreu um encontro com nossas orientadoras no qual apresentamos nossos projetos para análise. Houve algumas alterações, com demandas para avaliarmos e concluirmos o que foi proposto.

Vale lembrar que no dia da apresentação a orientadora fez as intervenções necessárias promovendo um momento de aprendizagem com extrema importância. Também foi um momento tenso, no qual, trazia muitas dúvidas a respeito do que estávamos apresentando.

Já na aula seguinte, para acalmar os ânimos, depois de tantos dias de tensão, fomos agraciadas com a apresentação de Oficinas num Alvorço de Histórias, que muito nos sensibilizou com tamanha riqueza de ideias e maneiras de expor as narrações e declamações, deixando todos encantados. Cada dia que passava eu ficava mais empolgada em participar das aulas, pois, havia sempre uma novidade a ser descoberta.

O componente de Currículo, Proposta Pedagógica, Planejamento, Organização e Gestão do Espaço, do Tempo e das Rotinas em Creches e Pré-Escolas ensinado

pelo professor Roberto Sidney, trouxe questionamentos relevantes acerca do método, em que a originalidade é fundante em qualquer trabalho.

Sobre o conceito de currículo, que implica em uma formação, ficou evidente que não existe currículo neutro e que o mesmo sempre está em mudança. De acordo com os atos de currículo, formação em ato, diz que todos nós somos produtores de atos de currículo, por todo o tempo. Vale lembrar que os atos do currículo fazem com que o mesmo esteja o tempo todo em atos e que, respeitando a todos de direito, devemos usar a autonomia para fazer os atos de currículo.

No componente Natureza e Cultura: Conhecimentos e Saberes, da professora Cíntia Seibert, refletimos sobre o que podemos propor à criança em relação à biodiversidade e sustentabilidade da vida na Terra. Diante disso, fomos agraciadas, também, com um maravilhoso passeio à Reserva Sapiranga, onde desfrutamos de um dia perfeito em contato com a natureza. Caminhamos por uma trilha, que nos levou até o rio e pudemos perceber o canto das aves e o barulho das águas, além da magnífica beleza do lugar e sua preservação.

O componente curricular de Inclusão, da professora Cláudia Pedral, trouxe esclarecimentos importantes, em relação às diversas situações educativas encontradas nas escolas. Lembrando que, é de fundamental importância que as crianças com necessidades especiais tenham todo aparato necessário para a sua acessibilidade e comodidade também no trajeto e ambiente escolar.

As oficinas do componente Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil, ministradas por Leila Freitas, foram muito gratificantes, pois, a professora trouxe ideias de como trabalhar com as crianças de formas variadas. Dentre elas, uma aula passeio, onde fomos conhecer um projeto desenvolvido por estudantes da UFBA, com a finalidade de levar a criança com as famílias para o espaço da instituição. Lá as famílias fazem piqueniques, participam de pinturas, brincadeiras, entre outras atividades, tornando um dia agradável e prazeroso para a criança. Além disso, houve a escrita de uma carta, endereçada a uma amiga do curso, contando o que foi visto e vivido na aula passeio, a partir de nossas observações.

Como uma das atividades avaliativas, a professora Leila sugeriu uma produção textual sobre o “Brincar na minha infância”, e pediu que desenhassemos sobre o texto produzido. Foi uma atividade muito pertinente, da qual fiquei maravilhada com a construção do desenho e do texto, que me reportou à infância. Houve também a oficina de bonecas e a construção de brinquedos feitos a partir de sucatas. Foi uma

experiência muito gratificante para inserirmos em nossa prática. A atividade lúdica mostrou que é possível trazer a música para dentro da história envolvendo as crianças com fantoches e outros aparatos, afim de despertar e desenvolver a criatividade dos pequenos.

O componente Expressão e Arte na Educação Infantil, do professor Pinduka, dispôs de variadas técnicas para serem trabalhadas com as crianças. Fizemos os experimentos com diversos materiais de apoio como: esponjas, réguas, lixas, tintas e demais materiais, obtendo resultados extraordinários. A teoria trouxe significativas aprendizagens, assim como a prática que também nos proporcionou momentos relaxantes e prazerosos na construção de belíssimos trabalhos de arte.

A escolha da temática surgiu de uma inquietação em perceber como o professor vê o brincar, sem fazer relação com o aprendizado e a prática educativa, dando destaque apenas à forma tradicional de ensinar. Diante disso, questiona-se: Como o brincar pode favorecer a aprendizagem no grupo de crianças com 03 anos de idade?

O estudo tem como objetivo investigar nas brincadeiras possibilidades de aprendizagens no grupo de crianças com 03 anos de idade, analisar a importância do brincar na Educação Infantil, descrever o histórico da criança, assim como ressaltar a importância do brincar na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança na creche. Dessa forma, a relevância desse estudo pode contribuir diretamente para mudanças de estratégias que auxiliarão nos resultados obtidos no decorrer da aprendizagem, de maneira positiva e inovadora.

Para realizar esse estudo, o método de pesquisa utilizado será de inspiração da etnopesquisa, a observação e a pesquisa bibliográfica foram escolhidas como recursos para responder às questões acerca da problemática, fundamentada na reflexão de leituras de livros, artigos, revistas e sites, bem como pesquisa de renomados teóricos como Piaget, Vygotsky, dentre outros.

Nesse contexto, a etnopesquisa crítica é uma pesquisa de natureza qualitativa, visando compreender e explicitar a realidade humana tal qual como é vivida pelos atores sociais em todas as perspectivas possíveis.

...a realidade é o compreendido, o interpretado e o comunicado. Não havendo uma só realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações, a realidade é perspectival... invoca o caráter de provisoriedade, mutabilidade e relatividade da verdade,

por conseguinte, não há absolutidade de qualquer perspectiva (MACEDO, 2004, p. 47).

Já a observação é uma das etapas do método científico e consiste em perceber, ver e não interpretar. É relatada como foi visualizada, sem que, a princípio, as ideias interpretativas dos observadores sejam tomadas. Ela também pode ser entendida como verificação ou constatação de um fato, podendo ser tanto espontânea ou casual, quanto metódica ou planejada. Como afirma Macedo (2004, p.151) “O processo de observação não se consubstancia num ato mecânico de registro. Apesar da especificidade da função do pesquisador que observa, ele está inserido num processo de interação e de atribuição de sentidos”.

Enquanto isso, a pesquisa ou investigação é um processo sistemático para a construção do conhecimento humano, provocando novos conhecimentos, podendo também desenvolver, colaborar, reproduzir, refutar, ampliar, detalhar, atualizar algum conhecimento pré-existente, servindo basicamente tanto para o indivíduo ou grupo de indivíduos que a realiza, quanto para a sociedade na qual esta se desenvolve.

No corpo do trabalho serão vistos aspectos teóricos que permitirão sustentar a questão levantada que é “O brincar no desenvolvimento da criança de 03 anos na creche”. A estrutura deste trabalho está organizada em capítulos, sendo que o primeiro aborda sobre o Contexto Histórico da Educação Infantil, com a finalidade de conhecer o histórico da Educação Infantil no Brasil e também sobre as mudanças e dificuldades que as mães trabalhadoras enfrentaram ao deixar seus filhos sob o cuidado de pessoas estranhas e despreparadas para tal finalidade.

Em seguida discorre-se sobre o Histórico da Criança, relatando como a mesma era vista no passado e qual era a sua função na família e por só conviverem com os adultos possuíam um papel passivo, perdendo assim uma das fases mais importantes da vida, que é a infância.

O terceiro capítulo trata do aspecto “O Brincar e a Criança”, com o objetivo de proporcionar situações onde a criança possa explorar o brincar de maneira dinâmica e constante. Retrata, também, a “A Importância do Brincar” para o desenvolvimento da criança na creche. O brincar leva espontaneamente à criatividade, pois, em todos os níveis do brincar as crianças precisam usar habilidades e procedimentos que proporcionam oportunidades de ser criativo.

A escola de Educação Infantil escolhida para fazer o estudo, faz parte da Rede Pública do Município de Candeias, localizada na zona urbana, porém, distante do Centro da cidade. A unidade escolar, de pequeno porte, funciona numa casa alugada, com pouca infraestrutura, possui 4 salas de aula, 1 pátio, 1 banheiro, 1 cozinha e 1 secretaria. A secretaria funciona na garagem, que também é utilizada para fazer as reuniões de pais e funcionários. Atende a 108 crianças matriculadas de uma faixa etária que vai de 2 anos e 6 meses a 5 anos de idade, distribuídas em oito turmas, entre os períodos matutino e vespertino e não funciona em período integral.

Dentre as turmas presentes na escola, o ambiente escolhido para a observação foi o grupo da creche, com enfoque nas crianças de 03 anos, a professora e a auxiliar de classe. A turma é composta por 8 meninas e 4 meninos. As crianças estudam no turno matutino e todas são moradoras da comunidade local.

Nessa perspectiva, a realização de pesquisas sobre o tema ganha relevância na medida em que podem oferecer contribuições importantes para análise das práticas educativas, visando a uma melhor compreensão do desenvolvimento infantil e do importante papel que as instituições educativas têm frente às diferentes realidades em que vivem as crianças.

Lembrando que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases (1996) a Educação Infantil objetiva que a criança se desenvolva na comunidade familiar, no contexto social, em toda parte por onde esteja, em decorrência dos fatores genéticos, ambientais, culturais e humanos.

2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é compreendida tanto pelas crianças de creche, de zero a três anos, quanto às crianças da pré-escola de quatro a cinco anos diferenciando na classificação apenas pela faixa etária.

É na Educação Infantil que a criança interage com o mundo, com todos ao seu redor e com ela mesma. A partir de zero a cinco anos e onze meses de idade as experiências vivenciadas são fundamentais na formação do ser humano, logo, o que se aprende nesta fase pode marcar para o resto da vida.

A creche se caracterizava por uma atuação em horário integral, e a pré-escola, por um funcionamento semelhante ao da escola, em meio período. A creche se subordinava e era mantida por órgãos de caráter médico/assistencial, e a pré-escola aos órgãos vinculados ao sistema educacional. Essa divisão hoje não é mais permitida deve ser feita apenas pela faixa etária.

Como o próprio nome da modalidade diz claramente, a Educação Infantil tem como centro do seu trabalho as crianças. Relembrando que brincar é algo que faz parte da natureza humana e que é um direito da criança como consta no Art. 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que define o brincar como um dos direitos de liberdade da criança.

Com um caráter higienista as iniciativas voltadas para a criança eram realizadas por médicos e damas beneficentes, voltando-se contra o alto índice de mortalidade infantil, atribuída aos nascimentos ilegítimos da união entre escravas e senhores e a falta de educação física, moral e intelectual das mães.

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001, p. 13)

Assim como em outros setores, a educação também tem a sua divisão, de um lado as crianças da elite, que têm uma educação privilegiada, enquanto de outro, estão as crianças de classes populares que frequentam o sistema público de ensino.

Como as mães precisavam trabalhar para suprir as necessidades da família, havia a necessidade de um lugar onde poderiam deixar seus filhos tendo a vigilância dos adultos. Dessa forma, surgiram as primeiras tentativas de organização de creches, no Brasil, com caráter assistencialista, com a intenção de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas. As creches populares atendiam somente o que se referia à alimentação, higiene e segurança física e eram chamadas de Casa dos Expostos ou Roda.

A Roda dos Expostos, também conhecida como Roda dos Enfeitados, por muitos anos foi a única instituição de assistência à criança desamparada no Brasil. Apesar de parte da sociedade não apoiar o trabalho realizado nesta instituição, somente no século XX que o Brasil extinguiu o sistema da Roda dos Enfeitados. (PASCHOAL; MACHADO, 2009)

Vale salientar que uma das instituições brasileiras mais duradouras de atendimento à infância, que teve seu início antes da criação das creches, foi a "Roda dos Expostos" ou "Roda dos Excluídos", local onde se colocavam os bebês abandonados. Era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio e fixado na janela da instituição ou das casas de amparo. Desta forma, a criança era entregue a esta instituição, sendo preservada a sua identidade.

Apesar dos movimentos contrários a essa instituição por parte de segmento da sociedade, foi somente no século XX, já em meados de 1950, que o Brasil efetivamente extinguiu-a, sendo o último país a acabar com o sistema da "Roda dos Excluídos".

A partir da modificação da estrutura social europeia, as crianças passaram a sofrer maus tratos, garantias de um atendimento efetivo e com os cuidados necessários às crianças desta faixa etária. Neste sentido, surgiram diversos problemas envolvendo as crianças pequenas que precisaram de intervenções.

O nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social vigente, modificando os hábitos e costumes das famílias (...). Visto que as mães dos países europeus tiveram a necessidade de trabalhar nesta nova frente de laboro e não tinham

com quem deixar suas crianças, contratavam o serviço de outras mães chamadas de “mercenárias”. (PASCOAL e MACHADO, 2009)

Depois de muita luta a partir da Constituição de 1988, a Educação Infantil pela primeira vez na história do Brasil reconheceu o direito à creche e à pré-escola da criança pequena. Ocorre, então, a gratuidade do ensino público em todos os níveis. Tanto a creche quanto a pré-escola são incluídas na política educacional, com uma concepção pedagógica e não mais assistencialista. Dessa forma, a perspectiva pedagógica vê a criança como um ser social, histórico, que pertence a uma classe social e cultural.

A Educação Infantil deu um grande salto em relação ao passado em que as crianças não eram vistas como ser social e histórico. Hoje a Educação Infantil é voltada para Educar, Cuidar e Brincar, direcionando para uma formação integral, que seja capaz de potencializar nas crianças o seu desenvolvimento psicológico, físico, social, cognitivo, possibilitando uma educação que seja capaz de reconhecer a criança como um ser pensante e autônomo.

A partir de 1930 iniciou-se a organização de creches, jardins de infância e pré-escolas de modo desordenado e com o intuito de respostas imediatas, como se os problemas infantis criados pela sociedade, pudessem ser resolvidos por essas instituições. No começo as creches eram filantrópicas ou mantidas pelos próprios usuários, porém mais tarde, elas se tornaram públicas.

Criou-se uma nova oferta de emprego para as mulheres, mas aumentaram os riscos de maus tratos às crianças, reunidas em maior número, aos cuidados de uma única, pobre e despreparada mulher. Tudo isso, aliado a pouca comida e higiene, gerou um quadro caótico de confusão, que terminou no aumento de castigos e muita pancadaria, a fim de tornar as crianças mais sossegadas e passivas. Mais violência e mortalidade infantil. (RIZZO, 2003, p. 31)

O parque infantil, na década de 1940, expande-se para outras localidades do país como o interior do estado de São Paulo, o Distrito Federal, Amazonas, Bahia, Minas Gerais, Recife e Rio Grande do Sul. Em 1942, o Departamento Nacional da Criança (DNCr) projeta uma instituição que reuniria todos os estabelecimentos em um só: a Casa da Criança. Em um grande prédio em que seria agrupado, a creche, a escola maternal, o jardim-de-infância, a escola primária, o parque infantil, o posto

de puericultura e, possivelmente, um abrigo provisório para menores abandonados, além de um clube agrícola, para o ensino do uso da terra.

Os médicos do DNCr não se ocuparam apenas da creche, mas de todo o sistema escolar, fazendo valer a presença da educação e da saúde no mesmo ministério, só desmembradas em 1953, quando o DNCr passa a integrar o Ministério da Saúde até o ano de 1970, e é substituído pela Coordenação de Proteção Materno-Infantil.

Apesar do interesse e esforço isolados de educadores como Mário de Andrade, a Educação Infantil levou muito tempo para se desvencilhar do caráter que a pontuou desde o início: a Assistência Social. Essa demora foi de quase um século - o primeiro jardim da infância foi inaugurado em 1895, em São Paulo.

Mudanças estruturais começaram somente na década de 1970, quando o processo de urbanização e a inserção da mulher no mercado de trabalho levaram a um aumento significativo na demanda por vagas em escolas para as crianças de 0 a 6 anos.

Em 1950 a pré-escola assumiu caráter compensatório e preparatório, com a entrada das crianças das camadas populares na escola, desenvolvendo hábitos e habilidades para adaptação à rotina da escola. Nessa perspectiva, o curso de magistério de 2º grau era exigência para os profissionais, pois os capacitava para realizar as atividades psicomotoras com as crianças em idade pré-escolar. Com as crianças da creche, assumiam-se os cuidados com o corpo da criança admitindo pessoas sem qualquer qualificação profissional, bastava gostar de crianças já era suficiente.

Como não havia políticas bem definidas para o segmento, a expansão de instituições de Educação Infantil, nessa época, foi desordenada e gerou precarização no atendimento, feito, em geral, por profissionais sem nenhuma formação pedagógica. Tratava a criança como um ser frágil, indefeso e completamente dependente. Os profissionais não tinham formação e sua atuação era restrita aos cuidados básicos de higiene e regras de bom comportamento.

Demorou muito tempo para a Educação Infantil ser reconhecida como uma etapa importante na vida da criança e reconhecida por lei. A ideia que se tem hoje de criança enquanto sujeito, demorou muitos anos até ser aceita na sociedade.

Numa sociedade onde cuidar do próprio filho era visto como algo sem prestígio, as criadeiras eram de modo geral mulheres livres e pobres ou escravas, e sem

instrução alguma, que, em troca de dinheiro cuidavam de outras crianças. Ao acolher as crianças expostas às criadeiras recebiam um salário até a criança completar seis (6) anos.

Levando em consideração que uma parte do seu dia a criança vai para a escola, para que esse seu direito seja garantido, a escola é um dos ambientes onde a brincadeira, também, deve acontecer. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil traz em seu texto diversos fatores que devem ser contemplados por uma escola de Educação Infantil e o brincar está entre eles.

A educação da criança pequena, fora do espaço doméstico e do convívio familiar, no Brasil, deu início no final do século XIX a partir de diversos contextos e demandas, ora como forma de combate à pobreza, na perspectiva do Estado, ora como salário complementar, na perspectiva familiar.

Grupos de mulheres de classes sociais mais abastadas organizadas em associações religiosas ou filantrópicas criaram várias creches. Instruíam as mulheres das camadas populares a serem boas donas-de-casa e a cuidarem adequadamente de seus filhos. Eram convictas de que o cuidado materno era o melhor para a criança e que o cuidado em grupo (creche) era certamente um substitutivo inadequado.

A infância começa a ter sua importância tanto para a família quanto para a sociedade por volta do século XIX e XX, refletindo neste pequeno ser como alguém que precisa de cuidados diferentes como tempo, lugar e espaço para melhor se desenvolver.

No século XX ocorre um leve avanço na história da Educação Infantil no Brasil, onde as autoridades mostram-se a favor das crianças, mesmo percebendo que a sociedade era dividida em classes sociais deixando evidente o valor da criança dependendo das suas condições econômicas, sociais, políticas e culturais.

A Educação Infantil representa a primeira etapa da Educação Básica. A Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxeram novo paradigma educacional, permitindo que muitas pessoas comesçassem a lutar pela conquista dos espaços públicos destinados ao atendimento infantil que passou a ser reconhecido, como dever do Estado e de cada Município, como cita a Lei nº 8.069/90.

Sabe-se que, até a Constituição de 1988 a fase infantil era atendida sob a forma de “Amparo e da Assistência”, portanto o estado não garantia o direito de

educação aos “*infantes*”. Observa-se que não havia preocupação a respeito de como tratar a infância afirmando que a criança vivenciasse esta fase com seus direitos instituídos.

Diante disso, a LDB 4.024 prévia, também, que empresas que empregavam mães com filhos menores de sete anos, deveriam organizar ou manter, diretamente ou em cooperação com os poderes públicos, educação que preceda o ensino de 1º grau. Essa lei já rezava que para essa educação era necessário que o professor tivesse cursado ensino normal (BRASIL, 1988). Já a Lei de Diretrizes e Bases de 1961(4.024/61) faz referência muito discreta em relação à Educação Infantil, considerando-a dentro do Grau Primário (1988).

A construção da identidade das creches e pré-escolas a partir do século XIX em nosso país insere-se no contexto da história das políticas de atendimento à infância, marcado por diferenciações em relação à classe social das crianças. Enquanto para as mais pobres essa história foi caracterizada pela vinculação aos órgãos de assistência social, para as crianças das classes mais abastadas, outro modelo se desenvolveu no diálogo com práticas escolares. (BRASIL, 1998, p. 81)

Lentamente o processo de generalização começa a se dar, e a lei vai incorporando essa sensibilidade e se traduzindo num caminho de direito. Pois bem, a Lei 5.692/71 mantém o que a 4.024/61 já determinava e reforça que as empresas organizassem e mantivesse toda essa ligação com as mães trabalhadoras que tivessem filhos menores de sete anos.

(...) o Brasil possui um conjunto de Leis avançado em relação ao direito do cidadão à educação, mas na prática esse direito ainda não foi garantido para muitos deles, como para as crianças, principalmente de 0 a 3 anos de idade. (SANTOS e RIBEIRO, 2014, p. 43).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 10.394/96) já determinava que crianças de zero a três anos fossem atendidas pelas creches, enquanto as de quatro a seis deveriam frequentar a pré-escola (PICCOLO e MOREIRA, 2012, p. 07). No entanto, em muitos lugares, isto não acontece, é uma realidade distante, pois muitas crianças estão fora da sala de aula, o que pode trazer sérios problemas para a nossa sociedade.

A Educação Infantil passa a ser vista como a junção do Educar e Cuidar. Cuidar no sentido que as necessidades básicas da criança sejam atendidas e, educar, porque deve oferecer à criança, possibilidades de descobertas e aprendizados. Precisamos ter consciência de que podemos preparar nossas crianças desde muito cedo para o exercício da cidadania.

No Brasil, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007, encaminha os recursos financeiros para a conservação e desenvolvimento da Educação Infantil, como pagamento dos funcionários, recursos pedagógicos, dentre outros.

As práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagem e desenvolvimento das crianças da Educação Infantil passam por mudanças significativas de concepções em relação à educação de crianças em espaços coletivos.

São prioridades as discussões sobre orientação do trabalho com crianças de até três anos em creches e as práticas com crianças de quatro e cinco anos, garantindo a continuidade da aprendizagem e desenvolvimento das crianças, sem antecipar os conteúdos do Ensino Fundamental.

Vistas como “mal necessário”, as creches eram planejadas como instituições de saúde, com rotinas de triagem, lactário, pessoal auxiliar de enfermagem, preocupação com a higiene do ambiente físico. Do início do século até a década de 50, as poucas creches fora das indústrias eram de responsabilidade de entidade filantrópicas laicas e, principalmente, religiosas.

Diante disso, essas entidades com o tempo, passaram a receber ajuda governamental para desenvolver seu trabalho, além de donativos das famílias mais ricas. Havia a preocupação em alimentar, cuidar da higiene e da segurança física, tendo pouco reconhecimento um trabalho orientado à educação e ao desenvolvimento intelectual e afetivo da criança.

O Estado deve garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção para todas as crianças, independente de condição social, religião ou raça. Dessa forma, as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os princípios éticos, políticos e estéticos. Assim como, garantir à criança acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, como o

direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Cada criança possui um ritmo de aprendizagem, sendo assim, o professor deve propiciar às crianças uma educação baseada na condição de aprendizagem de cada uma, considerando-as singulares e com características próprias. Desta forma, o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais é compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB 9394/96, art. 29)

Ocorreram propostas de trabalho para serem direcionadas com as crianças de baixa renda, estimulando-as precocemente e preparando-as para a alfabetização, como forma de superar as condições sociais em que viviam. O objetivo principal da educação compensatória era o de promover oportunidades educacionais no caráter social e cultural compensando-se o déficit linguístico das crianças.

As crianças mais pobres eram consideradas carentes. A formação das crianças da elite era diferenciada da educação das crianças pobres, que eram vistas como merecedoras de piedade. Enquanto, a elite possuía uma atenção especial por parte do Estado, a educação como direito universal era defendida pelos reformadores protestantes.

Já nos jardins-de-infância das crianças provenientes de famílias de classe média, a educação não tinha o mesmo caráter compensatório. O trabalho envolvia também o desenvolvimento dos aspectos afetivos e cognitivos das crianças.

O estado de bem-estar social não atingiu todos da população da mesma forma, trazendo desenvolvimento e qualidade só para alguns. A teoria foi muito trabalhada, mas pouco colocada em prática. Neste sentido, as políticas sociais reproduzem o sistema de desigualdades existentes na sociedade.

A descentralização e municipalização do ensino trazem várias dificuldades, como a dependência financeira dos municípios ao Estado para resolver a educação infantil e primária. O Estado nem sempre repassa o dinheiro necessário, deixando o ensino de baixa qualidade, favorecendo assim as privatizações.

A Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento absoluto das crianças até cinco anos de idade e, nessa etapa, as crianças descobrem novos valores, sentimentos, costumes, ocorrendo também, o desenvolvimento da autonomia, da identidade e a interação com outras pessoas.

2.1 HISTÓRICO DA CRIANÇA

Criança é um ser pensante, repleto de imaginação, pureza, autenticidade, fantasias, sorrisos e brincadeiras, que precisa de estímulos para se desenvolver de forma satisfatória e harmoniosa com o meio em que vive. É também observadora e sabe reproduzir o que vê. Ser criança é estar em constante estágio de aprendizado, é almejar, buscar e descobrir verdades, formando seus próprios conceitos. As DCNEI definem criança, no Art. 4º, como:

(...) sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 86).

A criança nem sempre teve lugar de destaque na família ou na sociedade. Na antiguidade, as crianças eram tratadas como adultos, não existia um laço afetivo com suas famílias e as crianças realizavam as mesmas atividades das pessoas mais velhas. A infância era apenas uma fase de transição para a vida adulta.

Dessa forma, a criança era vista como “apartada da sociedade, que deve ser moldada e guiada por forças externas a fim de se tornar um membro totalmente funcional”, declara Corsaro, (2011). A criança era apenas um ser prestes a internalizar os comandos recebidos dos adultos para executar funções destinadas.

Antigamente, desde cedo as crianças aprendiam as profissões com suas famílias ou em casas de aprendizes e trabalhavam em oficinas. “Não existia a noção de família, de organização social e familiar. Estas foram constituídas ao longo do tempo, através de regras estabelecidas até chegar à organização monogâmica” (LIMA, 2013). As crianças não viviam como crianças, e sim como meros repetidores dos trabalhos que executavam.

“O sentimento de infância nasce no século XVII, que começa a se interessar pela própria criança” (CORSARO, 2011). A infância é entendida, por um lado, como

categoria social e como categoria da história humana. E entendida, também, como período da história de cada um, que se estende, na nossa sociedade, do nascimento até aproximadamente dez anos de idade. A infância é a fase em que a criança imagina, vivencia, representa, sonha e transporta-se para mundos imaginários, realizando desejos que não foram concretizados.

O nascimento de uma criança é um momento mágico para os pais e também para a família, pois, esse pequeno ser traz para o seio familiar momentos felizes de amor e também de muitas alegrias. Logo, é um período de muito cuidado e responsabilidade.

A infância já foi vista como uma fase sem importância; os adultos não se apegavam às crianças por considerá-las uma perda eventual, pois elas morriam com muita facilidade devido à situação de descuido em que viviam. Naquela época, a morte de crianças era encarada com naturalidade, os pais não deveriam entrar em desespero, pois, logo que ocorria o óbito de uma criança os responsáveis deveriam providenciar logo outro bebê.

Na sociedade medieval antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. A vida era relativamente igual para todas as idades, não havia uma ideia de estágios da vida. Por exemplo, as crianças tinham muito menos influência do que atualmente têm, em relação aos adultos. Provavelmente ficavam mais expostas às violências dos mais velhos (ARIÉS, 1978).

Sendo assim, a criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próximo às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente.

Se por séculos a criança era vista como um ser sem importância, quase invisível, hoje ela é considerada em todas as suas especificidades, com identidade pessoal e histórica. Através dessa mudança de paradigma constata-se que a visão que se tem da criança é algo historicamente construído.

Nas famílias pobres havia uma preocupação desde cedo para a criança trabalhar nas lavouras ou serviços domésticos caracterizando a primeira infância como época das aprendizagens. Aquelas que pertenciam às famílias nobres aprendiam as artes de guerra ou os ofícios eclesiásticos. Essa realidade comprovava

que não havia muito tempo por parte dos pais para dar carinho e dedicação a elas. A inquietação para ensiná-las um ofício e a atenção dos pais nos seus trabalhos, na guerra ou pedindo esmolas proporcionava tal situação.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) apresenta a criança como um ser único que possui identidade e subjetividade própria. A criança tem desejos, sentimentos, curiosidades, hipóteses, o que a torna protagonista de cada ação, descoberta, investigação, pesquisa que realiza ao longo de seu crescimento. É por meio de uma natureza singular que ela vê o mundo e é de um modo peculiar que procura entendê-lo, pois ao estabelecer interações com outras crianças e com os adultos ela vai revelando o que compreende da realidade em que vive.

3 O BRINCAR E A CRIANÇA

O brincar é essencial na vida das crianças, pois para elas, qualquer ato pode se transformar numa brincadeira. De forma espontânea e prazerosa, a criança vê o brincar nas coisas mais simples da vida e se diverte com isso, brincando ela se transporta para outros espaços que fazem parte do seu imaginário.

O brincar faz parte da vida das crianças, mas não deixa de fazer, também, parte da vida do adulto, que carrega dentro de si a criança que ficou no passado. Tempos atrás as crianças podiam brincar nas ruas, de maneira segura, sem a preocupação dos pais em relação a diversos fatores que podem prejudicar a criança.

Entende-se que brincar é uma atividade que sempre foi praticada pelas crianças, e é por meio desta ação que elas se realizam como seres de direitos. Brincando a criança torna-se ator de suas próprias ações. Diante disso, brincar é divertir-se, distrair-se, alegrar-se, é também transportar-se para outros lugares.

Brincar dá a criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz. (BRASIL, 2013, p. 87)

Com base nos dados da pesquisa, percebe-se que, o brincar não é utilizado como atividade importante e principal no dia a dia das crianças da creche, sendo

que as mesmas ficam mais tempo sentadas, realizando atividades no papel e ou caderno do que praticando algo que lhes possibilitem prazer e diversão.

A criança precisa de movimento e do brincar para extravasar suas energias, colocando em ação o que gostaria de realizar, vivenciando o brincar de forma natural, sem imposição, apenas pelo prazer e liberdade de expressão. Através do brincar a criança demonstra os seus sentimentos e desejos.

Em outros tempos, o brincar não era compreendido como fator efetivo no desenvolvimento da aprendizagem, colaborando para obtenção e aprimoramento das inteligências e habilidades nas crianças. Era uma ação considerada simplesmente recreativa e sem valor cognitivo, na qual as crianças eram deixadas de lado, sem nenhum estímulo ao ato do brincar.

A brincadeira é uma linguagem infantil e quando brinca a criança tem o domínio da linguagem simbólica, ou seja, da imaginação. No ato de brincar, as crianças fazem sinais e gestos, e ao brincar elas recriam os objetos e repensam os acontecimentos que os rodeiam.

O ato do brincar também desenvolve a coordenação motora da criança de maneira lúdica, nesta fase em que a criança se encontra, sem precisar de atividades maçantes feitas em papel ou caderno.

A criança quando brinca desenvolve o seu raciocínio, amplia suas possibilidades, reflete sobre o que faz e realiza as suas fantasias, de forma lúdica e criativa. Ao brincar traduz em suas ações o seu modo de sentir e de ver o mundo à sua volta, além disso, brincar é um estímulo necessário e pertinente no cotidiano da criança.

A brincadeira é como uma atividade que a criança começa desde o seu nascimento no âmbito familiar, em um primeiro contato com a mãe até se ampliar para os demais. A criança não nasce sabendo brincar, é nessa relação com os outros que ela vai constituindo esse entendimento, e assim começa a compreender o brincar como forma de linguagem.

[...] A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo – da vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo... a criança que brinca sempre, com determinação auto-ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto

sacrifício para a promoção do seu bem e dos outros... Como sempre indicamos, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação. (KISHIMOTO, 1998, p. 68)

Quando o brincar é praticado com espontaneidade, absorve integralmente a criança, recarrega as suas energias, provoca a sua inteligência, apoia e mostra a sua afetividade, ajudando-a a descobrir, criar, recriar o mundo, estimulando a sua imaginação, dando chance a sua criatividade.

Desta forma, o brincar não deve ser utilizado apenas como um meio para preencher o tempo disponível em sala de aula ou até mesmo em outros espaços da escola. Pode e deve ser usado como recurso de aprendizagem, levando a criança a expressar seus sentimentos e desenvolver suas habilidades e competências.

Precocemente a criança é levada a inserção no mundo adulto participando de seus dilemas e conflitos, já não têm mais liberdade e espaço para brincarem seguindo o seu desenvolvimento natural. Quando há espaços disponíveis, não atendem as verdadeiras necessidades da criança.

Entretanto, não podemos deixar de analisar que passamos por uma grande mudança na sociedade onde os valores estão invertidos, e a infância perde espaço para a avalanche de informações. O mundo tecnológico desestimula o brinquedo e as brincadeiras, assim como o ritmo da modernidade que diminuiu o tempo para as atividades lúdicas.

Dessa forma, o brincar é uma atividade própria do indivíduo e muito importante na infância por estar presente em tudo que a criança realiza. O bebê constrói uma relação lúdica com tudo que o cerca desde o nascimento. Quando os pais brincam com ele, estimulam seus sentidos e ao passar do tempo, a criança aprende a brincar com as mãos e/ou pés e se interessar por objetos diversificados que atraem sua atenção. Com o desenvolvimento, suas aptidões são desenvolvidas e ela começa a brincar sozinha avançando para brincadeiras em grupos.

“O brincar é uma atividade bastante presente na infância, mas há quem acredite que os bebês são muito pequenos para brincar e utilizam brinquedos e objetos apenas como meio de distração” (PÁTIO, 2013, p. 5). Os bebês quando brincam, manuseando os objetos ou brinquedos ao seu alcance, estão descobrindo o mundo a sua volta.

Percebe-se que o brincar é um importante processo psicológico, fonte de desenvolvimento e aprendizagem. Abrange complexos procedimentos de articulação

com o que já foi dado e o original, entre o experimento, a tradição e a reflexão, entre o real e a fantasia, apontado como uma forma reservada de afinidade com o mundo, distanciando-se do real, ainda que nela referenciada.

Na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados a brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil. O brincar constitui um espaço de aprendizagem, assim como, requer muitas aprendizagens. Diante disso, Souza nos diz que:

Conversar com a boneca, brincar de médico, imitar bichos, se fantasiar, são brincadeiras de grande intensidade afetiva. Assim que as brincadeiras vão se aproximando mais do real (a partir de quatro anos), o símbolo começa a representar a realidade, imitando-a: a criança cria histórias nas quais há grande preocupação em seguir a sequência que ela conhece na sua realidade. Por exemplo: a boneca acorda, vai pôr roupa e vai para a escola. Depois vai almoçar, descansar, brincar. (SOUZA, 2002)

Compreende-se que brincar é uma linguagem infantil e quando brinca a criança tem o comando da linguagem simbólica, ou seja, da fantasia. Ao brincar, as crianças improvisam sinais e gestos, recriam os objetos e repensam os acontecimentos que os rodeiam.

A criança se torna um ser criativo, responsável e trabalhador ao realizar brincadeiras, pois, são lições que ela aprende e que são retomadas na sua vida adulta, frente a diferentes situações, tendo o discernimento para resolvê-las de forma natural.

Acredita-se que as brincadeiras são criadas e recriadas a todo o momento, mas sempre deixam um sorriso no rosto das crianças, pois, para elas a brincadeira gira em torno da espontaneidade e da imaginação. A brincadeira deixa a criança livre para vivenciar o que acredita ser distante realizar e também é uma ação que faz com que a criança interaja com outras crianças e com os objetos à sua volta.

“Nenhuma criança brinca espontaneamente só para passar o tempo. Sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos.” (Bettelheim, 1984, p. 105)

Sendo assim, a criança que brinca, vive sua infância na essência e torna-se um adulto mais sereno, tanto físico quanto emocionalmente, aguentará as pressões da idade adulta com maior criatividade para resolver os problemas que venham a surgir. Logo, o brincar irá propiciar um crescimento saudável à criança. Porém, a criança que é retirada dessa atividade, por qualquer motivo, terá marcas profundas da falta desta vivência, refletindo aspectos negativos ao longo da sua vida.

Para que as crianças experimentem sua capacidade de criar, é necessário que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas, sejam elas em casa ou na escola, voltadas à brincadeira ou a aprendizagem. Sendo assim, a criança que brinca transforma objetos reais em situações imaginárias, logo descobrem o que podem criar a partir da sua imaginação.

De acordo com Vygotsky (2007), “É durante o brincar e por meio do brinquedo que a criança aprende a agir cognitivamente, dando vida aos objetos e determinando sua ação sobre eles”. Entre tantas ações, a brincadeira cria laços de solidariedade e de comunhão entre os indivíduos que dela participam e também assume importância fundamental como forma de participação social.

O brincar é fundamental na formação da criança, pois é uma atividade espontânea, natural e necessária ao seu desenvolvimento. Sua importância é muito grande, por que a criança constrói seu próprio mundo, despertando a sua curiosidade, a imaginação e a invenção.

Com frequência, a brincadeira é desvalorizada e menosprezada pelo adulto, e tida como oposto ao sério, ao real, ao trabalho, etc. A partir dessa concepção o adulto impõe à criança obedecer a suas ideias, desprezando a sua intencionalidade maior que é a de brincar com o mundo. (SANTOS; RIBEIRO, 2014, p. 107)

Diante disso, o adulto vê a brincadeira como algo sem valor, que não leva a nada e nem a lugar algum, distanciando a criança do que ela mais gosta de fazer e de vivenciar. Lembrando que, é no brincar que a criança tem possibilidades de conviver com os diferentes sentimentos que fazem parte da sua realidade interior, pois, brincando a criança irá pouco a pouco, aprendendo a se conhecer melhor e a aceitar a existência dos outros, organizando suas relações emocionais e conseqüentemente, estabelecendo suas relações sociais.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que esta inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social, mas também o marca. (RCNEI, 1998, vol. 1, p. 21)

A criança necessita também de se desenvolver socialmente, permitindo o aspecto afetivo, e que seus impulsos e desejos sejam realizados a partir de atividades que sintam prazer. A brincadeira, por exemplo, é uma tarefa própria da criança que faz com que ela se relacione com outras crianças, expressando suas emoções.

Brincar é o que a criança mais gosta de fazer, pois ela é eminentemente lúdica. Os jogos, brinquedos e brincadeiras para ela são coisas sérias, importantes e envolventes. O brincar torna tudo mágico para a criança que vê em qualquer coisa um motivo para brincar.

Vale ressaltar que, a criança aprende brincando e brinca ao aprender, sem a brincadeira ela não consegue se desenvolver de maneira significativa para ter uma visão de mundo satisfatória futuramente, tornando-se tímida e retraída, prejudicando o seu desenvolvimento.

A infância é uma etapa fundamental na vida da criança para que ela aprenda a brincar. Essa etapa é considerada a idade das brincadeiras, com isso destaca-se o lúdico, pois é algo que faz com que a criança reflita e descubra sobre o mundo em que vive.

O brincar é atividade primordial da primeira infância, portanto, a criança brinca para entender o mundo e também para satisfazer o que a realidade não permite, ou seja, é na brincadeira que a criança imagina fazer o que ela não pode fazer na vida real.

É muito interessante que as brincadeiras possam contemplar elementos que requisitem a lealdade, a honestidade, mas desde que sejam muito bem esclarecidos às crianças. São propostas que auxiliam na identificação própria, promovendo a percepção de si mesma e satisfazendo as necessidades existentes. (PICCOLO; MOREIRA, 2012, p.43)

Nas brincadeiras as crianças aprendem também o respeito ao próximo, a cuidar de si e também do outro, assim como valores que levarão por toda vida e que poderão utilizar em qualquer lugar.

3.1 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

Desde o nascimento, o indivíduo se depara com os problemas gerados pelo mundo que o cerca. E a partir das próprias experiências, ele se relaciona com o mundo das coisas e o mundo das pessoas por meio do corpo, que se transforma no elo que permite a ligação do ser humano com o meio que o circunda.

O brincar como prática pedagógica pode contribuir não só para o desenvolvimento infantil, como também para a formação do indivíduo na sociedade. Brincar é um momento mágico na vida do indivíduo, pois, o mesmo quando brinca viaja pelo mundo da imaginação. Brincar é distrair-se, divertir-se, entreter-se.

A ação do brincar está intimamente relacionada com o desenvolvimento do conhecimento de si, do mundo físico e social e dos sistemas de comunicação, na criança. Assim a brincadeira influencia a construção da realidade e do conhecimento do mundo interior e exterior. (SANTOS; RIBEIRO, 2014, p. 104)

Dessa forma, o brincar e o aprender podem estar interligados visando uma aprendizagem em que o lúdico esteja associado com as diversas fases do desenvolvimento da criança. Nessa perspectiva, acredita-se que a criança da creche, mesmo pequena, já sabe muitas coisas: toma decisões, escolhe o que fazer, interage com pessoas, expressa o que sabe e mostra, em seus gestos, em palavras, como é capaz de compreender o mundo.

Vale ressaltar que, para educar a criança na creche, se faz necessário utilizar a brincadeira, que é a ação de entreter, distrair, divertir, como um dos aspectos fundamentais, pois esta é a fase que precisa ser estimulado o imaginário, a socialização e os jogos de imitação. Sendo assim, entre as ações de que a criança gosta está o brincar, que é uma ação livre e pode surgir a qualquer momento, de forma espontânea, sem imposição por parte do adulto.

Segundo Santos e Ribeiro (2014, p.104), “O brincar sobrevive ao longo da história da humanidade passando por processos de modificações em sua concepção e na compreensão do seu papel na vida da criança”. Apesar de sofrer mudanças, o brincar não deixa de existir e tem papel fundamental na vida das crianças que passam boa parte do dia brincando e ou pensando em brincar.

Nesse contexto, a atividade lúdica permite que a criança se prepare para a vida entre o mundo físico e social. Logo, a vida da criança gira em torno do brincar e é

por essa razão que pedagogos têm se debruçado na utilização da brincadeira na educação, por ser uma peça importante na formação da personalidade, tornando-se uma forma de construção de conhecimento.

Brincando a criança interage com outras crianças, experimenta sensações novas e estimula o seu aprendizado. Logo, o brincar é uma atividade básica da criança, pois, possibilita a concretização de alguma coisa que ela não pode ainda realizar. Então, ela usa o faz-de-conta e se pauta nas observações e vivências do mundo.

Quando brinca, a criança toma certa distância da vida cotidiana, entra no mundo imaginário, (...) não está preocupada com a aquisição de conhecimento ou de desenvolvimento de qualquer habilidade mental ou física. (KISHIMOTO, 2011). Sabe-se que, quando a criança está brincando, ela inventa papéis e cria personagens para vivenciar as diferentes situações que a mesma elabora dentro de um universo lúdico criado por ela. A criança incorpora personagens do seu imaginário, deixando de lado a realidade.

Nesse sentido, por meio do brincar a criança aprende sobre o seu mundo, questiona, impõe, propõe regras com seus pares, delimita papéis e gradativamente apropria-se da cultura na qual se encontra inserida (OLIVEIRA, 2008). Através do brincar a criança compreende o que está ao seu redor e imagina situações vividas ou que desejaria vivenciar por ela e outras crianças. A criança vê o brincar em qualquer situação. Para ela, o mundo gira em torno do brincar.

Brincar é umas das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Ao brincar a criança pensa e analisa sobre sua realidade, cultura e o meio em que está inserida, discutindo sobre normas e papéis sociais. (RECNEI, 1998, v. 2, p. 22)

Sendo assim, o brincar é uma experiência essencial para qualquer idade, principalmente para as crianças que brincam para expressar suas emoções, interagem com o real, descobrem o mundo que as envolvem, organizam-se e socializam. Na brincadeira, é provável que a criança cresça, aprenda e crie, lembrando que é brincando que a mesma forma sua personalidade e eleva sua autoestima.

Ao brincar a criança aprende a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, favorecendo o desenvolvimento da autoconfiança, curiosidade, autonomia,

linguagem e pensamento. O brincar leva espontaneamente à criatividade, pois, em todos os níveis do brincar as crianças precisam usar habilidades e procedimentos que proporcionam oportunidades de ser criativo.

Assim, para ser criativo é preciso ousar ser diferente, requer tempo e imaginação, o que está disponível para a maioria das crianças. Demanda autoconfiança, algum conhecimento, receptividade, senso de absurdo e a habilidade de brincar. Tudo isso faz parte da infância e, precisa ser estimulado com mais vigor no contexto da escola e da educação.

O brincar é fundamental também à saúde física, emocional e intelectual do ser humano. Brincar é algo sério, pois, através da brincadeira a criança se reequilibra, recicla suas emoções e sacia sua necessidade de conhecer e reinventar a realidade, bem como, ensina regras, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário. (LIMA, 2004, p.02)

Entende-se que o brincar para a criança é importante, pois, além de fazer bem ao corpo, reestrutura e organiza os pensamentos, equilibra as emoções e amplia as capacidades colocando a criança no mundo do faz de conta, tornando-a capaz de re(descobrir) e re(inventar) diversas situações.

O brincar também contribui para a aprendizagem da linguagem. A utilização combinatória da linguagem funciona como instrumento de pensamento e ação. Para ser capaz de falar sobre o mundo, a criança precisa saber brincar com o mundo com a mesma desenvoltura que caracteriza a ação lúdica. Linguistas como Ruth Weir e Katherine Nelson falam das conversações de crianças pequenas, em seus monólogos noturnos, que são experimentos de combinação de linguagem. O que faz a criança desenvolver seu poder combinatório não é a aprendizagem da língua ou da forma de raciocinar, mas as oportunidades que têm de brincar com a linguagem e o pensamento. (KISHIMOTO, 2011, p. 148)

Dessa forma, o brincar estimula a área da linguagem, desenvolve a fala, tornando a criança mais comunicativa quando brinca com outras crianças ou até mesmo sozinha. Logo, o brincar colabora para todas as áreas do desenvolvimento infantil, sendo um recurso incentivador e de grande poder na vida das crianças, que vê o brincar em qualquer circunstância. A criança tem dentro de si a brincadeira, é algo nato.

Para Dewey, grande parte da vida das crianças é gasta brincando, quer com jogos que elas aprendem com as crianças mais velhas, quer com aquelas inventadas por elas mesmas. O valor educacional dessas brincadeiras torna-se óbvio, na medida em que eles ensinam às crianças a respeito do mundo em que vivem (...).

Considerando esse contexto, o tempo das crianças é direcionado para o brincar. Para elas, o brincar é prioritário enquanto as demais ações que executam, não têm a mesma importância desse ato, pois brincando seus pensamentos e devaneios vão para outros lugares.

Brincar é realmente uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, se comunicar por meio de gestos, sons, e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. (RECNEI, 1998, v. 2, p. 22)

Através das brincadeiras as crianças se realizam como atores de suas próprias histórias criadas e vividas por elas mesmas, transportando-se para lugares desejados.

Nesse contexto, é por meio do brincar que a criança desenvolve suas capacidades e habilidades, tornando a sua aprendizagem mais significativa. Por meio do brincar a criança aprende sobre o seu mundo, questiona, impõe, propõe regras com seus pares, delimita papéis e gradativamente apropria-se da cultura na qual se encontra inserida (Oliveira, 2008).

O brincar é uma ferramenta indispensável, utilizada na escola para promover momentos significantes, com resultados positivos na aprendizagem, dessa forma, a criança é capaz de criar novos desafios e realizar grandes conquistas quando brinca, pois, a sua imaginação vai muito além do inesperado.

Por isso, o lúdico pode ser empregado como uma estratégia de ensino e aprendizagem, logo, o ato de brincar na escola, sob a perspectiva de Santos (2002), está relacionada ao professor que deve apropriar-se de subsídios teóricos que consigam convencê-lo e sensibilizá-lo sobre a importância dessa atividade para aprendizagem e para o desenvolvimento da criança.

Compreende-se que a infância tem uma característica muito forte que é marcada pelo brincar, e é pelo brincar, e em especial, a brincadeira do faz de conta que a criança pode reviver situações que lhe causam algum desequilíbrio emocional,

possibilitando a compreensão da situação em que está vivendo e a reorganização de suas estruturas mentais. “Quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas a função que a criança lhe atribui” (PIAGET, 1971, pp. 65-66).

A criança é um ser pequeno, em formação, que necessita de cuidados e proteção em todos os aspectos, para que cresça de maneira saudável e equilibrada, em ambientes apropriados para o seu bom desenvolvimento. Portanto, brincar não é só ter um período reservado para deixar a criança à vontade em um espaço com ou sem brinquedos e sim um momento que podemos ensinar e aprender muito com elas.

Diante disso, Almeida (2011), pesquisou acerca do brincar e a organização dos cantos temáticos na educação infantil na perspectiva sócio histórica, e afirma que, “os resultados teóricos obtidos permitiram, por meio das pesquisas consultadas, delimitar de forma mais objetiva, a necessidade e a importância da organização dos espaços para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças” (ALMEIDA, 2011).

Percebe-se que, nos cantos temáticos as crianças se realizam criando situações que possam levá-las a outros espaços imaginativos. Logo, observa-se no olhar da criança o gosto de satisfação que as mesmas sentem ao desfrutarem desses ambientes inovadores e criativos.

Além disso, Fantacholi (2009), afirma que o brincar faz parte e interfere no desenvolvimento das crianças, e progressivamente, estudiosos da área da Psicologia, da Pedagogia e de outras ciências, reconheceram a relevância do brincar para o desenvolvimento global das crianças. Em sua pesquisa, também concluiu que por meio das atividades lúdicas, a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo onde está inserida, aprende a respeitar o outro, obedecer a comandos, estabelece relações sociais, constrói conhecimentos, desenvolvendo-se integralmente.

Diante disso, percebe-se a importância do brincar na vida das crianças, pois, a criança que brinca tem a sua criatividade mais aguçada e transmite mais segurança ao falar e tomar decisões, tornando-se mais esperta e dinâmica.

De acordo com Santos e Ribeiro (2014, p.104), “para a criança, brincar é coisa séria, não é um simples passatempo ou diversão”. É uma ação que a absorve por inteiro, pois corpo e mente, estão imbrincados. A criança quando brinca esquece do

mundo real e vive na sua imaginação, ou seja, no momento do brincar, não há outra coisa mais importante.

Já Vigotsky (1994), interpreta o brincar como um meio pelo qual ocorre a aprendizagem de regras. Além do mais, o brincar constitui-se de forma importantíssima na formação da criança, pois é uma atividade espontânea, natural e necessária ao seu desenvolvimento.

Brincar com bonecas revela a necessidade que a criança tem de ser consolada e tranquilizada. Alimentar e vestir bonecas com as quais se identifica funciona como uma prova de que sua mãe a ama e isso diminui o medo de ser abandonada e de ficar ao desamparo, sem lar e sem mãe. (MELANIE KLEIN, apud GEETS, 1977)

Assim, quando brinca com bonecas a criança inverte os papéis, ou seja, ela se coloca no lugar da boneca para receber os cuidados e atenção que pode não estar recebendo, seja em casa, na escola ou em outro ambiente. Logo, sente-se realizada com tal situação.

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia a dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. (KISHIMOTO, 2010, p. 1)

É necessário pontuar que a brincadeira é a forma peculiar que a criança utiliza para demonstrar as situações por quais vivencia e/ou vivenciou sendo elas positivas ou não.

Desta forma, a criança se realiza brincando e é nessa ação que ela pode fazer o que na verdade a sua realidade não permite. Ao brincar ela pode deixar de ser passiva e tornar-se ativa em suas decisões.

Dessa maneira, brincando a criança extravasa suas emoções, colocando em prática aquilo que deseja, mas que, por algum motivo, não foi capaz de realizar. O brincar torna a vida mais leve, alivia conflitos e revigora as energias. Serve também como válvula de escape para os momentos de conflitos.

Nesse contexto, o brincar está presente não só na vida da criança, mas também em todas as fases da vida humana. Quando adultos, esquecemos a nossa infância, ou seja, deixamos de lado a criança que existe dentro de nós e que, se deixarmos entrar em ação de vez em quando, estará nos fazendo um bem enorme.

Para a criança, o brincar é um modo de controlar o mundo externo. Mais ainda, brincar a coloca em contato com o próprio corpo, com o próprio movimento, auxiliando-a na vivência das relações espaço-tempo. Já para o ser humano de forma geral, o brincar, encarado com mais rigor, corresponde à satisfação das necessidades afetivas, as quais, contempladas, podem contribuir para a realização humana. (WINNICOTT, 1975)

Compreende-se que, no brincar a criança se desenvolve, supera conflitos e exterioriza suas emoções, além de partilhar novos saberes, pois, brincando a criança se relaciona e se prepara para novos desafios que possam surgir a qualquer momento.

Como considera Kishimoto (2010), brincar é a principal atividade da criança no seu cotidiano. É brincando que a criança tem a possibilidade de ser e de ser com os outros no mundo. Desta forma, ao brincar a criança se realiza de forma plena e prazerosa, relacionando-se com outras crianças e promovendo assim a socialização.

Brincar é oportunidade para interação social, ou para o estabelecimento de relações sociais; como caminho para o desenvolvimento de habilidades sociais; como expressão da vida social e da percepção da criança de seu mundo social. (CARVALHO, 1981, p. 02)

Diante disso, entende-se que brincar é a melhor forma da criança se socializar, pois, desta forma ela constrói laços de amizade que podem persistir por muito tempo de maneira harmoniosa. Brincando, também, a criança elabora estratégias para superar desafios e vencer obstáculos.

Para Piaget (1971), “quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui (...)”. Logo, a criança constrói no seu imaginário situações que ela pode realizar.

É brincando que a criança aprende sobre o mundo que a cerca e tem a oportunidade de procurar a melhor forma de integrar-se a esse mundo que já

encontra pronto e acabado sem muitas vezes criar um espaço onde elas possam existir e ser enquanto indivíduo.

Brincando, portanto, a criança coloca-se num papel de poder, em que ela pode dominar os vilões ou as situações que provocariam medo ou que a fariam sentir-se vulnerável e insegura. A brincadeira de super-herói, ao mesmo tempo que ajuda a criança a construir a autoconfiança, leva-a a superar obstáculos da vida real, como vestir-se, comer um alimento sem deixar cair, fazer amigos, enfim, corresponder às expectativas dos padrões adultos. (LEVINZON, 1989)

O brincar não deve ser só uma atividade utilizada pelo professor para recrear, mas sim uma condição essencial para potencializar o desenvolvimento infantil. Diante disso, quando brinca a criança cria autonomia superando obstáculos do dia a dia tornando-se segura para alcançar o objetivo desejado.

A criança quando brinca representa momentos do seu dia a dia de forma natural e criativa, levando para as brincadeiras todo o processo da imaginação. É onde ela cria histórias, inventa papéis, cita regras e propõe novas aprendizagens.

As brincadeiras são necessidades e desejos “não realizáveis imediatamente”, assim, pode ser “entendida como uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis”. Vigotsky, (2008, p. 25). Nas brincadeiras a criança torna seus sonhos e desejos reais, satisfazendo as suas vontades, mesmo que seja só no momento da brincadeira.

Sabe-se que através das brincadeiras surge a imitação. A criança reproduz situações vividas no decorrer do seu dia a dia. A partir dessa reprodução podemos analisar e perceber por quais situações a criança está passando. As brincadeiras despertam nas crianças o senso de perseverança, respeito e solidariedade, e é brincando que elas realizam suas vontades, impondo seus limites e realizando as suas fantasias.

O educador poderá fazer o uso de jogos, brincadeiras, histórias e outros, para que de forma lúdica a criança seja desafiada a pensar e resolver situações problemáticas, para que imite e recrie regras utilizadas pelo adulto (Vygotsky, 1988).

Segundo Huizinga (1999), os adultos veem o jogo como algo sem muita importância, só dando valor quando ele está relacionado à distração por uma questão de necessidade. Sabemos que o jogo é uma ação espontânea, que não exige sacrifícios e que tanto os animais como as crianças se realizam no brincar.

Diante disso, a construção e organização dos cantos temáticos é muito importante para a vivência da criança, pois a mesma entra no mundo do faz de conta onde experimenta de cada espaço um momento inusitado. Nesses cantinhos as crianças se realizam, pois, entram no mundo da fantasia e das descobertas.

O jogo traz alegrias, desperta emoção e contagia a todos os envolvidos no processo. Também é um elemento motivador para tornar as pessoas mais sociáveis e concentradas naquilo que for realizar, além de ser um meio eficaz na construção de valores.

O jogo de construção tem uma estreita relação com o de faz de conta. Não se trata de manipular livremente tijolinhos de construção, mas de construir casas, móveis ou cenários para as brincadeiras simbólicas. As construções se transformam em temas de brincadeiras e evoluem em complexidade conforme o desenvolvimento da criança. (KISHIMOTO, 2011, p. 45)

Algumas regras ou formas de jogar podem até ter mudado, mas as brincadeiras antigas permanecem ao longo dos tempos. Mesmo com todas as tecnologias imperando nossos espaços, as brincadeiras não deixam de existir e de despertar nas crianças o prazer em divertir-se e apropriar-se do mundo em desenvolvimento.

Muitas brincadeiras preservam sua estrutura inicial, outras modificam-se, recebendo novos conteúdos. A força de tais brincadeiras explica-se pelo poder da expressão oral. Enquanto manifestação livre e espontânea da cultura popular, a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar. (KISHIMOTO, 2011, p. 43)

Acredita-se que a criança aprende melhor através de brincadeiras e atividades em que predominam a ação lúdica. As brincadeiras procuram favorecer a autoestima das crianças, ajudando-as a superar progressivamente suas aquisições de maneira criativa e inovadora.

Antes de imitar o adulto, a criança observa atentamente, cada detalhe e assim tenta reproduzir, nas brincadeiras, da melhor maneira possível os gestos e ações de tudo que vê, ouve e sente de forma significativa e dinâmica. Além disso, organiza suas ideias para executar suas ações.

O jogo é, também, uma forma de socialização que prepara a criança para ocupar um lugar na sociedade adulta (Brougère, 1995). Vale salientar que, quando adultos convivem em outras sociedades, seja do trabalho, com os amigos e em diversas situações, afinal, ninguém vive sozinho.

(...) o jogo está presente na escola, quer o professor permita quer não. Mas é um jogo de regras marcadas, predeterminadas, em que a única ação permitida à criança é a obediência, ou melhor, a submissão (Kishimoto, 2011, p. 60).

Vigotsky, (1982), diz que, considerada situação imaginária, a brincadeira de desempenho de papéis é conduta predominante a partir de 3 anos e resulta de influências sociais recebidas ao longo dos anos anteriores. Nesta fase a criança vive um dos períodos mágicos de pura emoção e fantasias.

É imprescindível resgatar o caráter figurado do homem, quanto à inteligência consciente, que se vê cada dia mais reprimida, enrijecida e massificada, numa sociedade cuja filosofia de vida é racionalista e reducionista e que, muitas vezes, leva à alienação do próprio processo de criação e simbolização do sujeito, em que as crianças não têm mais espaço para viver a infância de maneira plena e enriquecedora. (KISHIMOTO, 2011, pp. 54-55)

O brinquedo é um instrumento de real valor no desenvolvimento da criança, pois funciona como objeto de incentivo para aflorar a sua capacidade de raciocínio e destreza. Com o brinquedo a criança inventa novas atitudes para criar situações em que possa envolver o objeto desejado, a fim de realizar seus anseios e desejos tão esperados.

Através das fantasias imaginativas e das brincadeiras baseadas nelas, as crianças podem começar a compensar as pressões que sofrem na realidade do cotidiano. Assim, enquanto representam fantasias de ira e hostilidade em jogos de guerra ou preenchem seus desejos de grandeza(...) estão procurando a satisfação indireta através de devaneios irreais, ao mesmo tempo que procuram livrar-se do controle dos adultos, especialmente dos pais. (BETTELHEIM, 1988)

A partir das brincadeiras as crianças interagem com outras crianças construindo pontes com oportunidades para novos saberes e experiências, ampliando assim o seu círculo de amizades, promovendo outros benefícios.

Infelizmente, nossas crianças, na maioria das escolas, recebem regras prontas, não significações. Elas devem aceitá-las para poder se transformar num “bom adulto”. E o mesmo acontece com os professores (KISHIMOTO, 2011, p. 59).

É na brincadeira que a criança adquire potencialidades para desenvolver melhor suas competências e habilidades exigidas na fase em que se encontra de forma suave e livre das pressões do cotidiano. Portanto, a brincadeira é a melhor maneira para que as crianças possam se expressar, ou seja, um instrumento que ela possui para relacionar-se com outras crianças e que não há nada que ela precise saber que não possa aprender brincando. Diante disso, percebe-se o forte poder que o brincar tem na vida da criança e como ela torna-se mais preparada para vivenciar as fases da sua vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi analisar como o brincar é utilizado na sala de aula como recurso incentivador no desenvolvimento da aprendizagem da criança na creche. O estudo foi realizado no período de dois meses, através de observações e registros, na unidade escolar supracitada. As observações foram feitas com as crianças, a professora e a auxiliar de classe, na sala de aula e no pátio da escola.

As crianças permaneceram no pátio e, por si só formaram seus grupos iniciando as brincadeiras, utilizando os brinquedos disponíveis na escola. Jul de 3 anos, começou um diálogo com Ale, também de 3 anos, chamando-o para brincar, sem sucesso, pois o mesmo queria brincar sozinho. Com os brinquedos, Jul criava situações inusitadas: fez uma flor com os brinquedos e ofereceu aos colegas, assim como, a partir das peças do jogo de montar, imaginou uma formiga, chamando à atenção das crianças para o objeto.

Normalmente a rotina é feita com as turmas juntas, no pátio da unidade escolar, onde fazem oração, cantam músicas diversificadas e ouvem histórias. As professoras estimulam as crianças a lembrar das canções e elas atendem ao pedido. Desta forma, percebia entre as crianças entrosamento, socialização, companheirismo e solidariedade. Sendo bastante relevante esta ação, pois as crianças entram em contato com as outras, construindo e fortalecendo os laços de amizade entre ambas.

Em outro instante, Ale disse que era gêmeo de outro colega que estava um pouco distante dele. Quando fora questionado se eram irmãos, o mesmo disse que ele era irmão “gêmeo de nome” do outro colega. Logo, fez uma relação bastante relevante acerca desta situação, evidenciando o seu entendimento.

Usaram também uma pá de brinquedo como se fosse um garfo para dar comida (imaginária) ao colega. Em outro instante, Ale resolveu juntar os brinquedos chamou Jul e demais colegas para brincar.

Brincaram livremente, usando a imaginação, porém, com o passar do tempo, elas perderam o interesse nas brincadeiras que não tinha objetivo e foram chamadas para recolher os brinquedos, pois já estava na hora de lavar as mãos e fazer o lanche.

No outro dia, após a rotina, no pátio, a professora distribuiu bexigas entre os alunos e pediu que enchessem para em seguida serem jogadas para o alto sem

deixar cair. Algumas crianças conseguiram encher os balões, outras sentiram dificuldades, enquanto teve quem não conseguiu e pediu para que outras pessoas ajudassem. Ao final, quase todas fizeram o que a professora propôs e houve um momento do brincar descontraído entre eles.

No dia seguinte a professora do grupo de 4 anos reuniu todas as crianças no pátio para contar historinha. Depois de acomodar todas, a mesma apresentou o livro de Ana Cláudia Ramos, com o título “Era uma vez três velhinhas...” De início, as crianças prestaram atenção, em seguida, só os alunos da professora que contava a história interagiram, enquanto, alguns ficaram dispersos, sem interesse no que estava acontecendo. Em seguida, cada um foi para sua sala de aula. Chegando à sala, as crianças foram chamadas uma de cada vez para realizar a atividade do livro adotado - Direito de Aprender, 1º bimestre. As crianças pintaram na cor vermelha o espaço pedido e depois colocaram pedaços de EVA da mesma cor.

Num outro momento, depois da rotina, a professora chamou as crianças para responderem outra atividade do livro, sobre a história “Quem quer tomar banho”, de Márcia Honora. Como a história já havia sido contada antes, as crianças não lembravam mais e a professora colocou as crianças de volta ao pátio para relembrar o conto. Em alguns momentos surgiram questionamentos sobre a história e Bia, sempre atenciosa respondia a tudo. Logo após, a pró perguntou quem gostaria de recontar a história. Bia logo se propôs, em seguida, o livro foi passado por todos para o manuseio e apreciação.

Diante disso, percebe-se que o brincar não é algo constante neste grupo de crianças, na maior parte do tempo pouco se vê esta ação na sala de aula ou até mesmo ao longo do período, salvo a hora da rotina e o recreio. A preocupação maior é com os conteúdos programados. Lembrando que brincar é algo tão importante e fundamental para o desenvolvimento da criança nesta fase.

Brincando a criança adquire contribuições motivadoras e necessárias para um bom desenvolvimento social que permite o aspecto afetivo. Seus desejos e impulsos poderão ser realizados por meio de atividades que sintam prazer. Nas brincadeiras a criança realiza suas fantasias, se expressa com autonomia e desenvolve sua oralidade.

Notei que, na sala de aula observada, as crianças passam muito tempo sentadas, com os poucos brinquedos que algumas trazem de casa e que disputam entre elas, sem momentos lúdicos, dirigidos pela professora e/ou auxiliar. Ficou

evidente também que existe preocupação em relação aos conteúdos, organização de cadernos, do que explorar com as crianças momentos de brincadeiras, músicas e outras situações relacionadas ao brincar. Logo, ficou evidente também que o brincar está mais presente nas ações das crianças quando estas não estão na sala de aula.

Nessa perspectiva, evidenciou-se que o brincar só acontece na hora da rotina, quando as crianças estão fora da sala de aula ou vão realizar uma atividade diferenciada no pátio. Na sala de aula o brincar não fazia parte daquele contexto e que a professora e a auxiliar davam ênfase à escolarização, deixando de lado a oportunidade de desenvolver com as crianças atividades diferenciadas, lúdicas e prazerosas.

Diante disso, o professor de educação infantil precisa melhorar suas metodologias, tornando o ambiente em que trabalha um espaço lúdico e prazeroso onde as crianças se sintam acolhidas e envolvidas para um melhor desempenho dos trabalhos realizados.

A criança aprende melhor brincando e suas habilidades e competências podem ser desenvolvidas através de atividades lúdicas. O brincar pode favorecer a autoestima das crianças, ajudando-as a superar progressivamente suas aquisições de maneira criativa, além disso, pode colaborar para o desenvolvimento social, afetivo e intelectual da criança.

Sendo assim, o brincar é ato importante, pois em todas as suas ações a criança vê o brincar como algo indispensável no seu dia a dia. O brincar pode contribuir não só para o desenvolvimento infantil, como também para o cultural, melhorando o resultado das ações desenvolvidas com as crianças.

Vale ressaltar que as brincadeiras tornam o ambiente mais leve e facilita a comunicação entre as crianças. Além disso, promove a interação social, contribuindo para o aperfeiçoamento e aquisição de competências e habilidades importantes no desenvolvimento pessoal.

Com a realização deste trabalho e nas ações em sala em que não existia o brincar, conclui-se que é possível que o brincar esteja presente nas ações que o professor venha a realizar com os alunos de forma ajustada e bem direcionada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. N. de. **O brincar e a organização dos cantos temáticos na educação infantil na perspectiva sócio-histórico**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos>. Acesso em: 14 jun. 2015.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC / SEF, 1998. Disponível em: <www.ciec-uminho.org>. Acesso em: 20 jun. 2015.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Science, 2011. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

FALCÃO, JLC. **Esporte e lazer na cidade a prática teorizada e a teoria praticada, 2007**. Disponível em <www.esporte.gov.br>. Acesso em: 15 jan. 2016.

FANTACHOLI, F. das N. **O Brincar na Educação Infantil: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras - Um Olhar Psicopedagógico**. Disponível em: <www.psicopedagogia.com.br>. Acesso em: 19 jun. 2015.

KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEAL, Florência de lima. **A importância do lúdico na educação infantil**. Monografia do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Picos –PI, 2011. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/picos/arquivos>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

OLIVEIRA, E. M. R. de. **O Faz de Conta e o Desenvolvimento Infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <www.facsaooroque.br/novo/publicacoes/pdf/>. Acesso em: 08 jul. 2015.

OLIVEIRA, R. F. S. de. **Brincar é bom! O brincar como fator que promove o desenvolvimento infantil**. Disponível em: <pedagogia.dmd2.webfaccional.com/media/anais>. Acesso em: 19 jun. 2015.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. **A história da Educação Infantil no Brasil: Avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional.** Revista HISTEDBR da Universidade de Campinas, n. 33, p. 78-95, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05f>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PENA, Â. da C.; NEVES, M. A. L. das. **A importância das atividades lúdicas no universo da educação infantil.** Disponível em: <<http://mariaaugustaclimadasneves.jusbrasil.com.br/artigos>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

PICCOLO, V. L. N.; Moreira, W. W. **Corpo em movimento na Educação Infantil.** 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento.** 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, M. O. dos; Ribeiro, M. I. S. **Educação Infantil: os desafios estão postos: e o que estamos fazendo?.** Salvador: Soffset, 2014. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

SOCIEDADE PAULISTA DE PSICANÁLISE. **A psicanálise de crianças: o brincar como recurso terapêutico.** Disponível em: <www.sppsic.org.br/blog>. Acesso em: 12 jul. 2015.

UCHOA, Marcelo. **A história da criança - da idade média aos tempos modernos o surgimento do sentimento da infância.** Disponível em: <www.overmundo.com.br/>. Aracaju, SE. 10/12/2006 · 73 Acesso em: 14 jul. 2015.